



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS

**RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E MUNDO DO TRABALHO:
PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS EM UMA CIDADE
DO CARIRI PARAIBANO.**

Héllem Simone de Luna Borges

Sumé -PB
2013

HÉLLEM SIMONE DE LUNA BORGES



**RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E MUNDO DO TRABALHO:
PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS EM UMA CIDADE
DO CARIRI PARAIBANO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. M.Sc Robson Fernandes Barbosa

UFPE BIBLIOTECA



B732r Borges, Héllem Simone de Luna.
Relação entre currículo e mundo do trabalho:
perspectivas de professores e alunos em uma cidade do cariri
paraibano. / Héllem Simone de Luna Borges. - Sumé - PB:
[s.n], 2013.
50f.: il.

Orientador: Prof. Ms. Robson Fernandes Barbosa.
Monografia (Especialização) - Universidade Federal de
Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens
e Adultos com ênfase em Economia Solidária do Semiárido
Paraibano.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Mundo do
trabalho. 3. Educação popular. 4. Economia Solidária. I.
Título.

UFPG/BS

CDU: 37:334.73(043.1)

HÉLLEM SIMONE DE LUNA BORGES

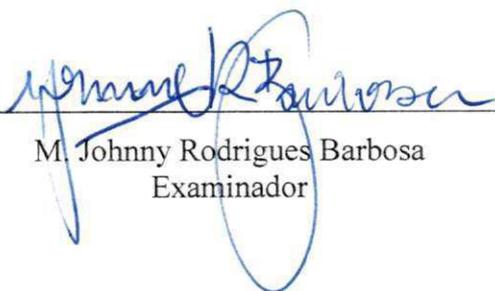
**RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E MUNDO DO TRABALHO:
PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS EM UMA CIDADE
DO CARIRI PARAIBANO.**

Aprovado em _____ de _____ de 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. M. Sc. Robson Fernandes Barbosa
Orientador

Profª Dra. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima
Examinador



M. Johnny Rodrigues Barbosa
Examinador

Sumé
2013

DEDICATÓRIA

Ao meu Senhor Jesus, que é digno de toda honra.
À minha amada mãe Fátima Luna,
Ao meu esposo e amigo José Maria
Aos meus filhos Ábner Pietro e Alícia Samile
que me trouxeram o melhor
da vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

Agradeço primeiramente a Deus, o que seria de mim sem a fé que tenho nele, Meu aconchego, Meu inspirador, Meu sentido de vida.

Ao meu amado esposo José Maria Gregório, que com muito carinho e compreensão, me apoiou para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, sendo meu estímulo nas horas mais difíceis.

Aos meus filhos Ábner Pietro e Alícia Samile, obrigada pela inspiração de vida, vocês são minha força.

Ao professor e orientador M. Sc. Robson Fernandes Barbosa, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta pesquisa.

À coordenadora do curso Prof^a. Dr^a. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima, pelo apoio, incentivo e exemplo de competência.

A todos os professores que deixaram sua contribuição em sala de aula para nosso crescimento.

À banca examinadora, por terem aceitado com dedicação e afeto participar desse momento único em minha vida.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram direto ou indiretamente com minha vida acadêmica até a conclusão desta especialização.

Meu muito obrigada!

UFCG-BIBLIOTECA

“ A sorte se lança no regaço,
mas do Senhor procede toda
decisão.”(Provérbios 16.33)

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos é caracterizada historicamente como uma tentativa de recuperação da falta de estruturação do sistema educacional brasileiro. Ao longo do seu processo de formação passou por inúmeras mudanças que estão ligadas as transformações políticas, econômicas e sociais do nosso país. No decorrer das transformações, essa modalidade de ensino foi colocada em segundo plano nas políticas educacionais, mesmo estando regulamentada como educação básica. Essa modalidade tomou contornos indesejáveis ao longo de sua trajetória, com a inadequação curricular e dos métodos. Contudo a EJA foi capaz de dar continuidade a sua proposta que é de oferecer a continuidade dos estudos aos que foram impossibilitados de em idade apta estar em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de jovens e adultos, mundo do trabalho, educação popular e economia solidária.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	11
2.1 Concepções acerca da EJA	11
2.1.1 Histórico	11
2.1.2 Propostas	15
2.1.3 EJA, Mundo do Trabalho e Economia Solidária.....	17
2.2 Currículo.....	20
2.2.1 Concepções sobre currículo.....	20
2.2.2 O currículo na EJA.....	23
2.2.3 EJA, mundo do trabalho e currículo.....	25
2.3 Protagonistas da EJA.....	26
2.3.1 Quem são eles?	26
3. METODOLOGIA.....	28
4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	31
4.1 Apresentação dos dados.....	31
4.1.1 Entrevista com docentes.....	31
4.1.2 Entrevistas com os alunos.....	35
4.2 Interpretação dos resultados.....	38
5. CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES.....	47

1- INTRODUÇÃO

Os esforços de reestruturação do ensino e a adoção de novas práticas pedagógicas no trabalho docente tem se apresentado como uma tentativa para promover um processo de mudança educativa.

Os currículos escolares decretados oficialmente são criticados pelos defensores de uma aprendizagem processual que reconhece a incerteza do conhecimento. Em face de tal oposição, as estruturas e os processos pós-modernos não se dão naturalmente. Essa luta nos faz pensar que a condição da pós-modernidade não é algo a ser reconhecido, mas a se construir. As mudanças oriundas dessa nova época, a pós-modernidade, trazem um sujeito cada vez mais individualista e de identidade deslocada, o que acarreta para a sociedade inúmeros problemas.

A escola, então tem um papel significativo na orientação do sujeito atual, sendo responsável por propiciar a inserção de novas ideias a cerca das transformações ocorridas. Esse processo educativo não se dá em compartimentos isolados: ele faz parte de um processo que acompanha crianças, jovens e adultos no decorrer de suas vidas, resultante de um conjunto de objetivos que procedem de ações culturais ideológicas.

Sabemos que a educação não ocorre no abstrato, de forma independente dos modos objetivos e concretos da vida social e coletiva. A leitura do mundo e a leitura da palavra, essencial para a expansão da vida social na sociedade letrada, se amplia à medida que a pessoa ou o grupo reconsidera seus olhares, suas experiências e seus valores em função de sua interação com novos conhecimentos. Para tanto nasce no princípio da educação popular a educação popular solidária que consolida a incorporação desta nova perspectiva em educação e contribui para a redefinição da atribuição de responsabilidades, provocando importantes rearranjos nas propostas pedagógicas, em função da compreensão dos valores, objetivos e conteúdos constitutivos da educação escolar e principalmente na Educação de Jovens e Adultos-EJA voltada para economia solidária.

O presente trabalho pretende contribuir na verificação de como o mundo do trabalho é utilizado como política nacional de economia solidária na Educação de Jovens e Adultos e qual a visão de seus protagonistas. Dessa forma, questionou-se se é

vivenciada uma educação popular solidária emancipatória na EJA, levando em consideração seus aspectos históricos e curriculares?

A partir disso, decidiu-se investigar sobre a seguinte questão: Qual a relação entre o mundo do trabalho, EJA e economia popular solidária na prática?

Buscaremos os fatores históricos que contribuíram para a institucionalização da educação popular, analisando o currículo da Educação de Jovens e Adultos, e visualizando em lócus se há ou não ligações didáticas entre a EJA, o mundo do trabalho e os valores da economia popular solidária.

Esta pesquisa surgiu a partir de observações e conversas vivenciadas no ambiente escolar, envolvendo o processo educativo da escola, em particular de jovens e adultos, visto ser esta a maior demanda escolar do turno da noite. Na atuação profissional observamos várias ações pedagógicas que são desenvolvidas, mas também atitudes problemáticas que permeiam essa prática educativa, entre elas o fenômeno da desarticulação da EJA com o mundo do trabalho.

Para entender tal processo levamos em conta as diversas questões que envolvem o processo de escolarização desses jovens e adultos, tais como: a concepção reinante sobre EJA, a didática e metodologia do professor, a relação professor aluno, a relação do contexto social dos alunos, enfim o seu próprio processo de escolarização.

Essa é a perspectiva do presente trabalho que pretende entender o processo educativo de jovens e adultos de uma escolas de ensino fundamental e médio da rede estadual, atuando mais estreitamente em 4 turmas, visando compreender e caracterizar as diferentes visões dos atores sociais da escola acerca da possibilidade de se inserir o mundo do trabalho na educação de jovens e adultos no contexto da economia solidária. É importante frisar que nossa intenção não é a de investigar a prática docente em si, mas sim propiciar uma reflexão para aqueles (as) que pretendem superar as limitações pedagógicas impostas pelo sistema escolar. Melhor dizendo, interessam-nos compreender as características ou que marcas vêm assumindo a falta de discussão sobre trabalho na vida de jovens e adultos nas referidas escolas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepções acerca da EJA

2.1.1 Histórico

A educação brasileira está estreitamente ligada a sua história, por isso para se compreender o quadro educacional atual é necessário entender o processo de seu surgimento.

Os jesuítas foram os primeiros professores de nosso país. Como já ocorria em Portugal, o ensino ficou ao seu cargo, o que desobrigou a Coroa de sustentá-lo financeiramente (Pinto, 2002). Eles chegaram ao Brasil em 1549 e adotaram uma concepção curricular competente para seus objetivos que eram domesticar e catequizar os indígenas. Um sistema educacional formal baseado no *Ratio Studiorum*¹ que pregava a disciplina, atenção e a perseverança. Em 1760 por permanentes conflitos com a coroa os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. A educação passa a ser dever do Estado que até então era mantida pela igreja.

No ano de 1891, com a Primeira Constituição Republicana, foram criados os cursos noturnos para o ensino primário, que passou a não ser mais gratuito, ponto primordial que fez com que o direito do voto só fosse destinado aos cidadãos alfabetizados. Fato que contribuiu para um esquecimento da EJA que somente em 1910 veio a tornar-se lugar comum nas discussões educacionais, quando o IBGE divulgou em suas pesquisas que mais de 11 milhões de pessoas acima de 15 anos não sabiam ler e nem escrever no Brasil. É nesse momento que surge a preocupação com a EJA, com a finalidade de acabar com o analfabetismo, chegando ao parlamento que mereceu destaque nas discussões.

No contexto da Primeira Guerra Mundial vem também à tona a necessidade de expandir a rede de ensino elementar, levantando o problema da Educação de Jovens e Adultos, ao lado de outro tema também importante que é o da educação popular. Com o fim da guerra somente uma pequena parcela da burguesia tem acesso a educação, sendo

¹ O Ratio Studioso era a organização e plano de estudos da Companhia de Jesus (1599), baseado na cultura europeia. Consistia de aulas elementares de Humanidades, Filosofia (Artes), e Teologia, possibilitando a obtenção dos títulos de bacharel, licenciado e mestre em artes.

essa acadêmica e elitista, fazendo com que a grande parcela da população ainda continue sem direito sequer a alfabetização. Assim:

Nos anos 20 aparecem os primeiros profissionais da educação que tentaram sustentar a crença em seu descompromisso com ideias políticas defendendo o tecnicismo em educação e trazendo implícita a aceitação das ideias políticas dos que governam, a educação popular vinculada pelo entusiasmo na educação nada mais foi do que uma expansão das bases eleitorais, pois a preocupação maior estava vinculada ao aumento do poder da classe burguesa (PAIVA, 1973, p.28).

Muitas foram as discussões em torno da alfabetização dos jovens e adultos no Brasil, acompanhadas por lutas sociais e políticas voltadas para uma educação que fosse destinada aos sujeitos que buscavam tardiamente a sua escolarização. Na constituição de 1934 a educação passa a ser reconhecida como direito de todos e cria-se o Plano Nacional de Educação, que obrigava que o ensino para os adultos fosse gratuito. Mas foi a Constituição de 1937 que ao criar a Lei Orgânica do Ensino Secundário possibilita a obtenção do certificado de Licença Ginásial destinado aos maiores de 16 anos mediante a realização de exames.

Em 1940 é que acontece o período áureo para a educação de adultos, salienta Paiva (1973), pois é marcada por campanhas de alfabetização e por inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas de peso, tais como: a regulamentação do Fundo Nacional de Ensino Primário – FNEP; a criação do INEP, incentivando e realizando estudos na área; o surgimento das primeiras obras especificamente dedicado ao ensino supletivo; lançamento da CEEA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos de 1947 a 1952), a primeira campanha de massa, regulamentada pelo Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), para atender à UNESCO – nessa época o Brasil já detinha mais de 50% de adultos analfabetos (Fávero, 2004), através da qual houve uma preocupação com a elaboração de material didático para adultos e a realização de dois eventos fundamentais para a área: o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos realizado em 1947 e o Seminário Interamericano de Educação de Adultos de 1949. Esta época caracterizada pelo aspecto alargado fazendo crescer as redes estaduais de ensino supletivo, buscando um processo de alfabetização em três meses e, a partir de então, o adulto estava apto para capacitação profissional de atividades que não exigem mais aprofundamento nos estudos. Também a Campanha Nacional de Educação Rural-

CNER que nada mais era do que o desdobramento da CEAA porem sua criação foi considerado um dos pontos altos em favor do movimento rural por ser direcionada a todas as faixas etárias na tentativa de combater o analfabetismo em todos os aspectos.

Segundo Fávero (2004) nesse período surgiu o movimento de educação popular que ganhou força liderada pelo educador Paulo Freire no estado de Pernambuco. O pensamento pedagógico dele, assim como sua proposta para a alfabetização de adultos, inspirou as principais propostas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60. Essas propostas foram empreendidas por intelectuais e estudantes católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares.

Com o golpe militar de 1964, as ideias de Freire e dos seus seguidores são silenciadas interrompendo as campanhas nacionais e os movimentos sociais populares, fato que marca profundamente a história do país. Assim a ditadura instaurada pelos militares representou uma descaracterização da democracia com a negação à população dos seus direitos constitucionais.

Apesar dos entraves da ditadura militar, com a Constituição de 1967 a educação é considerada como direito de todos e a escolaridade na idade dos sete aos quatorze anos passa a ser obrigatória. Foi também dessa época depois das tentativas de acabar com os Centros Populares de Cultura e o Movimento de Educação de Base, entre outros, concebidos pela educação popular defendida por Freire, que foi proposto o MOBREAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização, “com o compromisso de erradicar o analfabetismo e proporcionar a educação continuada a adolescentes e adultos atrelados ao mercado de trabalho, incentivando a profissionalização na escola média, a fim de conter as aspirações ao ensino superior” (LIBÂNEO, 2005, p.144). Foram criados os Centros de Estudos Supletivos – CES, instituições especializadas na oferta de cursos e exames. Logo depois, em 1980, surgiu o PRODASEC, programa com ações de caráter sócio educativo, profissionalizante e cultural, tanto para o meio rural quanto para as comunidades urbanas carentes.

Em 1985 o MOBREAL foi substituído pela *Fundação Educar*, vinculada ao MEC. A partir de 1985 o país vive um processo de redemocratização. A sociedade pode então “abrir as portas do país” para receber os anistiados durante a ditadura militar que acabara em 1985. Em 1988 a Constituição Nacional oficializava que a educação

fundamental teria caráter público e gratuito, independente da idade representando um direito universal de todo ser humano. Em 1990, o Conselho Nacional de Educação - CNE, através da Comissão Básica de Educação - CEB, aprova o Parecer nº 11 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA.

Já no ano de 1996, concomitantemente a promulgação da nova LDBEN, nº 9.394/96, aconteceu o primeiro Fórum Estadual de EJA no Rio de Janeiro, cujas discussões foram ampliadas nos anos posteriores para todos os estados brasileiros. O governo federal propõe o Programa de Alfabetização Solidária - PAS que funciona, até hoje, através de parcerias feitas com os municípios, empresas e universidades.

É somente com a nova LDBEN que se oficializa a educação fundamental com caráter público e gratuito independente da idade, representando um direito universal de todo ser humano. Os artigos 37 e 38 passam a contemplar as várias modalidades de educação de jovens e adultos e uma melhor adequação as novas exigências sociais. Dentre algumas alterações significativas podemos citar: a redução da idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio, a supressão de referências ao ensino profissionalizante atrelado a EJA, a criação de um capítulo único, o capítulo 07, para esta modalidade, defendendo o uso de didática apropriada às características do alunado, às suas condições de vida e trabalho, e incentivando a elaboração e aplicação de projetos especiais que proporcione o alcance dos objetivos desejados.

A educação de jovens e adultos é, hoje, uma modalidade da educação básica, que, de acordo com a LDBEN, em seu art. 37, destina-se “àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada”. Esta modalidade de ensino deve ser oferecida nos sistemas de ensino, na forma de suplência. Este foi um direito conferido aos jovens e adultos, que representam a grande massa de trabalhadores e trabalhadoras que não tiveram oportunidade de ter acesso ao conhecimento escolar na sua idade apropriada.

Enfim, a EJA teve uma história de persistência no Brasil e inegável foram as lutas vencidas e as etapas conquistadas, cabe-nos apenas refletir e elaborar novas propostas que são e serão necessárias para atender as novas demandas sociais e econômicas da sociedade brasileira e no seu interior, a dos jovens e adultos.

2.1.2 Propostas

Em meio à modernidade, ainda são comuns as visões de que a grade curricular e sua rigidez, hierarquias e disciplinas devem ser o fundamental da educação. Assim como na educação formal, qualquer outra organização que não esteja inserida neste padrão é vista como uma perda de tempo. Logo, a EJA, é tida para alguns como um atraso e/ou um imprevisto. Mas Santos afirma que:

Ha necessidade não só de garantir a jovens e adultos, pouco ou não escolarizados, a oferta de oportunidades educacionais adequadas às suas necessidades, expectativas e especificidades, como também a importância de que tais oportunidades venham acompanhadas de uma política positivista consistente de discriminação, pois a oferta de oportunidades educacionais por si só podem não ser suficientes para garantir êxito aos alunos, entendido como permanência e conclusão do nível de ensino ofertado. (SANTOS, 2003, P.37)

Entende-se ser necessário observar a LDBEN/96, que em seu artigo 1º, vem esboçar de maneira singular uma das funções sociais da escola, que seria a de que a educação escolar deve estar atrelada ao mundo do trabalho e à prática social dos educandos jovens e adultos, pois é na escola que se adquire algumas habilidades e conteúdos imprescindíveis para o convívio na sociedade, sobretudo no mundo do trabalho.

Uma segunda função social da escola seria a de diminuir os efeitos da desigualdade social, preparando os alunos para que saibam se sair de situações que a sociedade lhes impõe. Ou seja, desenvolver no aluno uma conscientização dos problemas que este poderá enfrentar, mostrando quais os instrumentos que poderão utilizar para sua resolução, sabendo que aquele que possui acesso ao conhecimento sistematizado, terá mais capacidade e autonomia para lutar por sua cidadania.

Os movimentos de EJA sempre tiveram um viés compensatório. Sejam como forma de resgate da cidadania e resposta aos indicadores estatísticos oficiais que apresentam dados desfavoráveis à imagem do país no contexto internacional contendo altos índices de analfabetismo, bolsões de pobreza e contingentes de jovens e adultos excluídos e marginalizados. Os problemas existentes em uma escola são na maioria atribuídos a um agravamento das desigualdades e da exclusão. O insucesso atinge todas

as categorias sociais, embora os jovens oriundos de meios desfavorecidos sofram as consequências de maneira especial. No caso dos alunos com idades inadequadas para o ensino regular, normalmente a realidade ainda lhes acrescenta a condição de trabalhadores (as), casados (as), com filhos (as). Nesse sentido é preciso que haja sensibilidades e coerência por parte da escola diante de tais situações. Os profissionais da educação sabem que vivenciar o papel de educador é preciso ter flexibilidade, tolerância e firmeza para poder receber seus alunos diante de qualquer situação. Dessa forma a educação de jovens e adultos se revela como um campo de embates e reflexões de como o poder público vai cumprir com sua obrigação constitucional de garantir o ensino público, gratuito e de qualidade para toda a população em idade escolar.

Enquanto modalidade de educação básica, a EJA, conforme expressa na LDBEN/96, não se consubstancia apenas no âmbito da alfabetização. Mas vai além, com função, abrangência e importância muito maior. Dessa forma o Parecer CNE/CEB nº. 11/2000 redefine as funções do ensino supletivo constantes do Parecer CFE nº. 699/72 e atribui à EJA três funções básicas:

- Função reparadora: Como forma de resgate da dívida histórica do país para com os excluídos do sistema regular de ensino. Busca o retorno do jovem e do adulto ao sistema regular de ensino.
- Função equalizadora: Como forma de garantir o cumprimento do princípio da política da igualdade. Não basta a declaração legal de que a educação é direito de todos. Há que se reconhecer no seio da sociedade a existência da diversidade e eliminar as desigualdades, equalizar o acesso aos bens sociais e o exercício da cidadania, fazendo cumprir com o princípio constitucional de que a educação é direito de todos.
- Função permanente ou qualificadora: Que também pode ser entendida como função qualificadora. Visa à inclusão social e à garantia de inserção do jovem e adulto no processo produtivo e sua permanência no mundo do trabalho.

Para poder cumprir com suas funções a EJA precisa ser pensado, de modo a contemplar, como afirma o Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, um pedagógico projeto pedagógico com “um modelo próprio”, que assegure na prática pedagógica, na relação professor aluno e no processo de ensino-aprendizagem a inclusão de estratégias de valorização da experiência de vida (social cultural e profissional), “a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos”.

Nessa perspectiva, concordando com Ribeiro, a Educação de Jovens e Adultos na década de 1990 não contempla uma visão da demanda educativa, no entendimento de que a família é o suporte fundamental para aprendizagem infantil. Há que nesse sentido considerar que, a EJA se revela como um espaço de práticas e reflexões que vão além da perspectiva do ensino em dimensão estrita, pois contempla possibilidades formativas que também agregam as práticas sociais.

Assim, é dever do Estado, de acordo com LDBEN/96 na Seção V, garantir o ensino fundamental e médio de forma gratuita, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, sendo obrigação do Estado a oferta de ensino noturno regular, para jovens e adultos adequando as necessidades e disponibilidades deles de maneira a proporcionar a permanência na escola daqueles que forem trabalhadores. Assim, hoje a Educação de Jovens e adultos, já não deve ser vista como o suprimento de carências de escolarização, mas como uma garantia de direitos de um tempo de vida.

A Resolução do Conselho Estadual de Educação - CEE/nº 229/2002, em seu art. 4º do cap. II, declara que os cursos para EJA deverão ser propiciados pelo poder público, através das Secretarias de Educação e oferecidos facultativamente por instituições privadas de ensino, desde que autorizadas de acordo com a referida Resolução.

Para tanto observa-se a inclusão de meios para que estas medidas sejam cumpridas, e a que melhor se destaca é a Economia Solidária que pretende devolver à autonomia, a vida econômica e educacional a sociedade marginalizada.

2.1.3 EJA, Mundo do Trabalho e Economia Solidária.

Como se vê nos tópicos abordados acima, a EJA foi construída para atender personagens a margem da sociedade. Seus atores são geralmente “excluídos” pela coletividade, são pessoas sem infância que a perderam no trabalho infantil, jovens que precocemente assumiram responsabilidades financeiras seja por formar uma nova família ou ter que ajudar no sustento da sua casa.

Estes alunos são em sua maioria jovens ou adultos trabalhadores, empregos informais, sem garantias nem vínculos empregatícios. Eles procuram a EJA com a

expectativa ainda que limitada de melhorar sua vida, como se observa na fala de Arruda(2005):

Tomando como ponto de partida as condições de vida e trabalho dos educandos, o educador abre um diálogo com eles sobre a questão "para quê desejam educar-se". Fica logo evidente por suas respostas que suas motivações para a educação estão vinculadas não a um desejo abstrato de "saber", mas a pretensões concretas como trabalhar melhor, conseguir um trabalho que renda mais, melhorar a vida para si e para a família. (ARRUDA, 2005, p. 32).

Esta é a grande dificuldade encontrada quando se trata de trabalho e EJA, a de juntar a educação formal e tudo que a legislação assegura acerca do mundo do trabalho a prática de uma educação popular voltada para ações concretas, que oportunize um crescimento financeiro real à vida de pessoas que já se encontram separados do sistema econômico vigente:

a EJA tem que casar trabalho e educação... Tem que ser desenhada para atender as condições de vida e trabalho de pessoas que têm como ocupação principal garantir o suficiente para si e para suas famílias quer como arrimo da família quer para obter rendimento complementar. (ARRUDA, 2005, p. 32).

Sabe-se que é através do trabalho que o ser humano se realiza, ele é responsável não só pelo sustento do homem, mas também por sua satisfação, porém, por inúmeras vezes é utilizado como instrumento de opressão, escravização e alienação, tudo isso em prol do sistema econômico capitalista. Nessa perspectiva, a educadora Sônia Kruppa afirma que:

O desenvolvimento capitalista se baseia na propriedade privada do capital, da qual a grande maioria do povo trabalhador está excluída. Se assim não estivesse, os trabalhadores não se sujeitariam, provavelmente, a trabalhar como assalariados e, pior ainda, a permanecer desempregados. (KRUPPA, 2005, p. 8).

Sendo assim é observado na educação popular a grande oportunidade de libertação do indivíduo, um lugar de construção de novos sujeitos, onde se leva a prática educativa a ser produtiva e concreta. É sabido que quando trata-se de educação popular não nos restringimos ao ambiente escolar, mas abrangemos diferentes contextos sociais. A EJA pode ser desenvolvida através de diferentes espaços de convivência social, mesmo que não proporcione uma educação formal, como as cooperativas, as igrejas ou associações, mas que adequem caminhos para emancipação social de pessoas sem perspectivas, que foram marginalizadas pelo sistema capitalista, como ressalta Kruppa:

A educação no sistema capitalista é vista para capacitar o ser humano, considerado como um recurso. Pensar a eficiência e a produtividade dos trabalhadores nesse sistema é considerar o sistema de competências, onde os seres humanos são induzidos a serem competentes para determinadas coisas e incompetentes para outras. (KRUPPA, 2005, p.24).

Desta forma é vista a falta de integração entre EJA e mundo do trabalho, pois aparentam serem realidades distintas mesmo que com os mesmos protagonistas. A partir de então se evidencia a possibilidade de desenvolver uma educação de jovens e adultos emancipatória, através das práticas educativas ligadas a construção de valores da Economia Solidária na educação de jovens e adultos.

Para se compreender melhor, observar-se-á o conceito de economia solidária:

A economia solidária corresponde ao conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito– organizados sob a forma de autogestão, isto é, pela propriedade coletiva dos meios de produção de bens ou prestação de serviços e pela participação democrática (uma cabeça, um voto) nas decisões dos membros da organização ou empreendimento. A economia solidária compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob formas de cooperativas, federações e centrais cooperativas, associações, empresas autogestionárias, movimentos, organizações comunitárias, redes de cooperação e complexos cooperativos. Envolve produção de bens, prestação de serviços, finanças, trocas, comércio e consumo (BRASIL, 2005b, p. 7).

Observar-se-á ainda que no conceito de Economia Solidária esteja intrínseca a existência de valores apregoados por esse método de se produzir meios financeiros, onde a economia solidária não segue a lógica do capital. Assim ver-se que, o autor amparar a ideia de transformação social em alguns valores gerais, valores que fundamentam a prática da Economia Solidária como estes que foram postos no FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, FBES, da Secretaria Executiva, que tratou da Trajetória do Movimento da Economia Solidária no Brasil: do Fórum Social Mundial (FSM) ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES):

a valorização social do trabalho humano; a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica; o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade. O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humanos e não o capital dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas. (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2001. p.3-4,)

Para tanto, com o objetivo de unir EJA, mundo do trabalho e Economia Solidária, precisa-se utilizar a educação como veículo para essa transformação social, ela deixa de ser um mecanismo de adestramento, como faz o sistema vigente, e a faz um

lugar de multiplicidades, de experiências e de praticas. Deve-se repensar a escola como lugar de produção e apropriação de diversos saberes, fazer dela um lugar para se vivenciar a educação como modo de vida, e não como conhecimento metódico. Isso significaria viver experiências múltiplas a partir da educação (FREIRE, 2001).

A educação tem o papel de realizar a mediação entre o sujeito e o mundo, tem a ver com mobilização e organização popular para exercício do poder que a luta popular, vai conquistando com o processo histórico no qual o ser humano produzindo o mundo, se reproduz. Ela implica, em conscientização e ação, entendidas como o esforço das classes populares em retomar seu destino histórico, a produção de suas vidas e a sua cultura em suas próprias mãos. Assim, não tendo que continuar sendo submisso e “alienado” à classe dominante (FREIRE, 2001).

Só aconteceram mudanças, no instante que as classes marginalizadas forem conscientizadas do abuso que a classe dominante causa na vida cotidiana de cada um. Uma educação de resistência a modelos predeterminados, uma educação do esclarecimento, educação para a liberdade, educação para a reinvenção do sujeito em busca de autonomia.

Assim observa-se no sistema cooperativista uma alternativa para essa emancipação, tanto em questões como a do mundo do trabalho e EJA, como econômica e financeira, mediando à solidariedade e seus valores com a educação e o trabalho. Pois, “[...] a educação modela almas e recria corações, ela é a alavanca das mudanças sociais”. (FREIRE, 2001, p. 28).

2.2 Currículo

2.2.1 Concepções sobre Currículo

É através do currículo que a escola trabalha todas as questões existentes na prática educativa. Os professores, por meio de suas aulas, avaliações e objetivos dão ao currículo um espaço específico na vida escolar. É com essa prática, que o professor e a escola juntos constroem a identidade de seus alunos e as relações que eles estabelecem nos âmbitos sociais e escolares.

O currículo, existente nos nossos dias, passou por inovações, que ao decorrer de cada etapa tinha um sentido e um significado que delinearão as concepções de currículo de nossa atualidade.

O termo que designa o que vem a ser Currículo provém do latim *Scurrere* e quer dizer curso, percurso. Conforme ressalta Moreira (2008, p.11) “O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos com desejáveis”.

O currículo pode então diferir nas suas definições dependendo da sociedade e do contexto no qual está em destaque. Nos seus primórdios ele era visto como uma linha de atividades propostas pelo professor ao aluno, com metas a serem alcançadas.

No século XVII, a ideia de disciplina passou a ser difundida no campo do currículo, conferindo à escola a possibilidade de distribuir o conhecimento através das “matérias”.

O currículo, embora fosse importante no campo da Educação, acabava por limitar e separar o conhecimento, pois as camadas menos favorecidas, não tinham acesso ao currículo destinado às elites da época, sendo o currículo visto assim, como uma relação de poder.

No Brasil, o primeiro modelo de currículo imposto foi o *Ratio Studiorum*, através dele os jesuítas domesticavam os índios através da catequese, tendo a religião católica e o ensino da leitura e da escrita como base.

A partir do século XX, com a ascensão da indústria, se busca na escola indivíduos obedientes, capacitados a contribuir com as transformações impostas pelo mundo do trabalho.

Com essa forma de ensinar o campo curricular passou a dar ênfase ao estudo do que ensinar e de como ensinar. Passando a apresentar duas correntes distintas entre si, as teorias tradicionais e as teorias críticas:

Teoria Tradicional: Através dos estudos de Bobbit, Johnson e outros estudiosos, a escola era vista como uma empresa, com a finalidade de obter resultados precisos, assim como numa indústria de forma mecânica. Para SILVA (2004, p.30) “Os modelos tradicionais de currículo restringem-se à atividade técnica de como fazer o

currículo”. Assim, o currículo apenas fazia com que a escola ensinasse e os alunos reproduzissem as relações de poder impostas pelo estado.

Teoria Crítica: Com as contribuições *de* Horkheimer, Adorno, Simmel, Freire, Louis Althusser, Apple, entre outros autores. Buscava propor uma análise crítica da sociedade com ênfase na erradicação das várias formas de dominação existentes na sociedade. Segundo SILVA (2004) “As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical”. Diferente das teorias tradicionais, as teorias críticas mostravam que o currículo não é neutro.

No Brasil, por volta de 1914, é que a forma como o Currículo passa por críticas buscando inovações para esse campo, mas não tiveram muitas repercussões.

Somente com o movimento da Escola Nova tendo a frente pensadores como Anísio Teixeira é que foi dada uma maior importância ao currículo, propondo um currículo permeado pelas disciplinas, mas dando espaço as potencialidades de cada aluno.

Em 1938, com a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o campo do currículo foi se constituindo e ganhando destaque na Educação Brasileira. No ano de 1970 com a influência de Paulo Freire o Brasil iniciou a luta em elaborar um currículo que estivesse em sintonia com a vida dos educandos, fazendo com que os alunos conseguissem aprender de acordo com a sua história de vida e os seus conhecimentos prévios.

Somente nos a partir de 1980 é que os estudos sobre currículo e a teoria crítica passam a ter evidência na educação brasileira, até então às discussões sobre educação permeavam outros assuntos. Foram criadas no campo das teorias críticas, as chamadas tendências pedagógicas: Libertadora, a Libertária e a crítico-social dos conteúdos.

No que concerne a Educação de Jovens e Adultos, as discussões curriculares ainda não buscavam nenhuma melhoria para essa modalidade. É na LDBEN 9394/96 e no Parecer CNE/CEB 11/2000 que a EJA, passa a ter espaço e currículo específico, buscando atender as suas especificidades. Com essas reformas em torno do currículo e da educação, ele vem ganhando destaque nas discussões e no campo de pesquisas da educação.

Assim, o currículo e principalmente da Educação de Jovens e Adultos deve ser visto como uma construção social, onde os saberes, a cultura, os modos de pensar e de

vida, devem se entrelaçar com o conhecimento escolar, valorizando os conhecimentos e as capacidades de cada educando.

2.2.2 O currículo na EJA

A educação de Jovens e Adultos vem sendo destaque nas políticas educacionais do nosso país, ao longo dos anos. Na lei de diretrizes e bases ela passa a ser parte da educação básica, sendo direito de todos aqueles que não tiveram acesso à escola ou que não puderam concluir os seus estudos na idade adequada.

Com essa nova maneira de ver a EJA, um dos seus grandes desafios na atualidade é resignificar o seu valor para a sociedade, que durante muitos anos esteve como uma recuperação histórica do déficit educacional brasileiro com os menos favorecidos. Tendo a função unicamente de ensinar a leitura e a escrita sem preocupar com a pluralidade dos alunos. Para KURZAWA (2007), a concepção sobre essa modalidade de ensino está ampliando os seus limites, rompendo com antigas posturas e buscando inovar a sua prática educativa dando espaço as potencialidades de cada aluno, respeitando as suas experiências de vida adequando a escola as suas necessidades.

Uma das ações que devem ser prioridade na Educação de Jovens e Adultos e que ainda carece de estudos e pesquisas é o Currículo. Para que as escolas e os cursos da EJA funcionem é necessário toda uma regularidade junto aos órgãos responsáveis, obedecendo as normas para essa modalidade. São estipuladas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos com a finalidade de que seja garantido a todos os educandos um ensino dentro dos padrões de qualidade.

Os professores em conjunto devem criar um ambiente de uma troca mútua de conhecimentos, onde um aprende com o outro e que todas as opiniões devem ser consideradas, levando em consideração sua importância na aula e para a vida de cada aluno. Segundo o Parecer CNE 11/2000:

As maiores partes desses jovens e adultos, até mesmo pelo seu passado presente, movem-se para a escola com forte motivação, buscam dar uma significação social para as competências, articulando conhecimentos, habilidades e valores. Muitos destes jovens e adultos se encontram, por vezes, em faixas etárias próximas às dos docentes. Por isso, os docentes deverão se preparar e se qualificar para a constituição de projetos pedagógicos que considerem modelos apropriados a essas características e expectativas. (PARECER CNE 11/2000, 2000, p. 57)

Professores e escola devem repensar o seu currículo de acordo com as necessidades dos jovens e adultos que estão trabalhando. Segundo Arroyo (2007) “A EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. (p.3). A EJA deve ser vista como uma modalidade da educação básica que prepare os seus alunos para o mundo real, com as dificuldades e anseios do hoje, porque o futuro esperado na infância para os Jovens e adultos já é realidade.

Esclarece-se que o currículo escolar deve ser elaborado de uma forma que os alunos possam utilizar os conhecimentos adquiridos no seu trabalho, na sua casa, na sua comunidade e de fato na escola, nas situações de aprendizagem. Até porque trabalhar os conteúdos escolares de uma maneira que a realidade dos alunos esteja de acordo com a realidade mostrada pelos professores os faz sentir-se valorizados e a começar a mostrá-los que eles devem também se responsabilizar e se comprometer com os diversos problemas que afligem o seu mundo e o mundo do outro.

Segundo Arroyo (2007) ,para que a EJA melhore , é necessário saber quem são esses jovens e os adultos que estão na EJA? O que eles esperam da escola e das aulas? Para que retornaram a escola? Se são de classe média ou das camadas menos favorecidas (p.4). O que fica fácil responder é que a maioria dos adultos e dos jovens que estão nas salas de aula são pessoas que ao longo das suas vidas sofreram dificuldades extremas, sejam elas familiares ou financeiras de aprendizagem ou emocionais, são jovens e adultos marcados pela pobreza e que por isso retornam a escola para conquistar a esperada escolaridade e uma vida mais digna financeiramente.

O currículo deve estar articulado com o que os alunos necessitam com aquilo que está bem próximo dele, não adianta mostrar exemplos que não serão atingidos por eles. Segundo Arroyo (2007):

Não se vive da esperança de um futuro, tem que se viver é dando um jeito no presente. O presente passa a ser mais importante do que o futuro. Isso traz consequências muito sérias para a educação, porque a educação sempre se vinculou a um projeto de futuro. Inclusive penso que esses mesmos jovens que acodem a EJA ainda sonham que através da educação terão outro futuro. (ARROYO, 2007, p.5)

Fica evidente que a escola, principalmente os docentes devem realizar uma prática voltada para o presente, até porque os jovens e adultos já tem noções bem sólidas do que vem enfrentando ao longo de suas vidas, o autor mostra que a escola não pode ensinar que depois tudo se resolverá, mas buscar com os alunos uma maneira de que a escola seja importante e que permanecer nela ainda é o melhor.

2.2.3 EJA, Mundo do trabalho e Currículo.

Como foi visto, o currículo vai além de grades disciplinares, envolve concepções para a formação social do indivíduo, com isso pode-se dialogar com a economia solidária, essa nova formação ou alternativa para o sistema econômico, que visa não apenas os bens de consumo, como no sistema capitalista, mais dá valor ao ser humano, buscando o respeito a sua diversidade. Ao abordar a Economia Solidária não se enfatiza apenas a produção de renda mais os seus valores, como: a justiça, igualdade, sustentabilidade, solidariedade entre outras atitudes que são necessárias para a construção do ser.

Na educação de jovens e adultos se faz necessário entender cada indivíduo e respeitar sua história de vida, levando-o a refletir sobre si e sobre a sua atuação dentro da sociedade civil organizada. A EJA deve ser formada enquanto um processo de construção humana, que leve os valores da economia solidária a se consolidar na prática cotidiana, mesmo que no contexto escolar. Para tanto conta-se com o currículo, que trará o norteamento de todo processo de aprendizagem desses alunos, mas pergunta-se assim como Timothy D. Ireland, Maria Margarida Machado, Vera Esther J. da Costa Ireland se perguntaram (2005):

Como introduzir essa discussão nos currículos de EJA? Como fazer para que professores compreendam o mundo do trabalho como eixo gerador da produção de outros conhecimentos? Como contribuir para que o campo da discussão do emprego, do subemprego e do desemprego faça-se presente de forma efetiva na EJA? (IRELAND, MACHADO e COSTA, 2005, p.12).

Como se ver, não é tarefa fácil relacionar todos os eixos necessários para a obtenção de respostas precisas quando se trata de currículo e EJA. Sabe-se que essa modalidade de ensino deve ter seu aluno no centro de sua proposta educativa, com isso

o seu trabalho, sua história e tudo que se necessite entender para que se construa um currículo vivo e que esse permaneça em reconstrução.

Para assegurar o direito dos Jovens e Adultos à Educação o currículo deve estar sistematizado na pedagogia crítica, que tem a educação com encargos emancipadores, na busca da construção de uma consciência crítica, reflexiva e autônoma, que aumente os direitos humanos e a liberdade dos trabalhadores.

Uma análise crítica de currículo permite que sejam analisados alguns elementos como a relação que o processo de criação, seleção, organização e distribuição do conhecimento escolar tem com os processos sociais mais amplos; a forma pela qual os educadores reagem aos programas oficiais; a maneira como o conhecimento escolar é distribuído de acordo com os diferentes grupos sociais; os elementos de ideologia, conformismo, produção e resistência presentes no currículo, dentre outros, que uma análise puramente pedagógica e metodológica não possibilita. A intensa mobilização de segmentos da escola, poder público e da sociedade civil, especialmente dos diversos educadores dos movimentos sociais, representa importante conquista histórica na construção cotidiana do currículo de EJA, construindo um espaço de reflexão, expressão, articulação e diálogo entre os saberes popular e científico. (RODRIGUES, p. 35, 2013)

Desta forma fica clara a grande necessidade de uma pedagogia prática, que todos os setores relacionados se voltem para um campo em comum, o de adentrar no cotidiano do aluno. Na educação popular essas relações são construídas naturalmente, pois, o professor e o aluno são formados dentro da mesma comunidade. Então o desafio pedagógico surge quando se propõe uma formação específica aos professores como a Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária oferecida pela UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), para que estes atuem junto com suas comunidades de tal forma que faça surgir a vontade em seus alunos de se lutar contra a opressão, acreditar na solidariedade, na cooperação e autogestão, valorizando a cultura local e acreditando em suas potencialidades.

2.3 Protagonistas Da EJA

2.3.1 Quem são eles?

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastado da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em

experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos. De acordo com Arroyo (2007, p.30) “esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direito. Histórias coletivas. As mesmas de seus pais, a voz, de sua raça, gênero, etnia e classe social”.

As escolas para jovens e adultos recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos completamente variados. Cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos.

Cada educando traz consigo realidades diversas tanto do seu contexto familiar, como do social e econômico. Todas estas diversidades se misturam dentro do universo escolar, e a escola por sua vez deve atender a todas as suas particularidades, tomando por base, as ricas histórias oriundas da vida de cada um, com o valor que elas terão para educação desses jovens e adultos, na perspectiva colocada por Arroyo (2007).

Podemos aproximarmos com outro olhar viver uma riqueza nesse caráter aberto e nessa diversidade de atores e intervenções. De fato a abertura da diversidade tem sítio um traço da história da EJA. Diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidades de níveis de educação, e trajetórias escolares e sobretudo de trajetórias humanas; diversidade de agentes e instituições que atuam na EJA; diversidade de métodos e didáticas e propostas educativas, diversidade de organização de trabalho, dos tempos e espaços, diversidade de intenções políticas, sociais e pedagógicas... Essa diversidade de trato da educação de jovens e adultos podem ser vista como herança negativa. Porém pode ser também como riqueza. (ARROYO, 2007, p.31).

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar profissional. Pode-se dizer que eles trazem uma noção de mundo prática, cotidiana, apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vêem. A grande transformação que ocorre é quando o aluno passa a estar na escola e é encantado pelos questionamentos, ele fica aberto à aprendizagem, sensível, curioso e instigado a saber ainda mais.

A EJA deve contribuir para a formação desses alunos, dando-lhes oportunidade e condições que favoreçam as diversas aprendizagens durante o processo educacional. Em se tratando de jovens e adultos é importante sempre levar em consideração duas questões: a primeira é que a experiência escolar insere-se em um processo contínuo que teve início antes de sua entrada na instituição; e a segunda é que a escola deve conduzir o processo educacional de modo a somar, ajudando em sua socialização.

A literatura consultada sobre quem são os sujeitos da EJA, vem mostrando que essa clientela é composta quase sempre por mulheres que por terem sido proibidas de estudar não concluíram seus estudos, idosos que não tiveram acesso à educação, desempregados excluídos do mercado de trabalho, jovens que desistiram de seus estudos por causa da questão da repetência ou trabalho precoce. Enfim, por todos aqueles que buscam condições de vida mais digna e autonomia intelectual ou como afirma Arroyo (2007):

Por décadas esses jovens e adultos são os mesmos, pobres, oprimidos, excluídos, vulneráveis, negros, das periferias e dos campos. Os coletivos sociais e culturais a que pertence são os mesmos. Essas constâncias históricas têm sido mais determinantes na história da sua educação do que na indefinição, imprevisão e diversidade de atores, de ações, espaços e intervenções. Mais ainda, essas características históricas tidas como negativas na história da EJA somente se explicam pelas constâncias perversas e que continuam submetidos os coletivos sociais, raciais, culturais com que a EJA vem trabalhando. (ARROYO, 2007, p.33)

Tendo em vista todas essas informações percebe-se o quanto é importante essa modalidade de ensino e mais ainda o cumprimento da lei e a valorização de indivíduos por meio da educação. Assim, a consciência educacional e a procura por esta modalidade de ensino têm aumentado nas últimas décadas, por diversos motivos, um deles certamente, é a exclusão social que acaba gerando desemprego, sobretudo entre jovens e adultos.

3. METODOLOGIA

Com a visão de que o educador da EJA precisa estar em sintonia com as necessidades, aspirações e cotidiano dos educandos, buscando possibilitar sua presença e permanência na escola, optou-se por realizar uma pesquisa com os professores e



alunos de uma escola estadual em uma cidade do Cariri paraibano. Para levantar os elementos teóricos que favoreçam a construção do conhecimento de EJA, foi realizado um levantamento do material bibliográfico para consolidar o referencial teórico da pesquisa.

Nosso caminho metodológico caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, pois entendemos ser esta a melhor opção para atender as exigências desse tipo de estudo e fundamentamo-nos nas ideias de LUDKE e ANDRÉ (1986):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta e o pesquisador como seu principal instrumento [...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto [...] o significado que as pessoas dão a às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11-12)

Dessa forma pudemos conhecer e compreender o ambiente natural em que o fenômeno em estudo ocorre e sua relação com a teoria.

Uma pesquisa de campo subsidiou os dados empíricos. O lócus escolhido para a investigação foram 4 turmas de EJA de modo que nos possibilitou compreender e interpretar a problemática da pesquisa.

Iniciou-se a investigação através do estudo dos documentos oficiais. Utilizo-se esse instrumental por que ele permitiu analisar a fundamentação legal, a implementação e os materiais didáticos, da educação de jovens e adultos da escola, campo de nossa pesquisa.

Outro recurso metodológico por nós, utilizado foi a entrevista semiestruturada, em que buscamos por meio da conversação buscar os dados importantes que nos possibilitou compreender a temática em estudo. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. No geral elas foram permeadas pela troca de conhecimento e pelo companheirismo, com duração média de meia hora. O clima de respeito e confiança foi sendo construídos ao longo do diálogo, criando uma cumplicidade entre entrevistadora e entrevistados/as que nas entrevistas ganharam codinomes.

Aos poucos e, ao lado da busca dos documentos oficiais, se foi observando e registrando a realidade física, material, enfim, o movimento escolar em suas dimensões e complexidades, o que nos levou as salas de aulas das 4 turmas de EJA, do turno da noite, da escola estadual de uma cidade do cariri paraibano. Buscou-se perceber e

compreender as redes de significados gerados e comunicados nas relações interpessoais. Com esse propósito é que foram acompanhadas algumas aulas ministradas no ensino fundamental e médio da EJA, demorando mais em umas salas que em outras, dependendo da didática do/a professor/a em momentos distintos, assim como do entrosamento da turma com relação à presença de diferentes professores/as. Dessa maneira conseguiríamos ter uma visão mais ampla sobre o processo que envolve as relações em sala de aula, tanto entre os/as alunos/as com seus colegas, como também entre professores/as e alunos/as. Por tudo isso fica evidenciado o uso da observação.

A amostra foi composta de aproximadamente 20 alunos que frequentam as turmas da EJA, 7 professores que lecionam nessas turmas, da estadual X de ensino fundamental e médio do turno da noite que por princípios éticos não divulgaremos o nome da instituição como também toda a comunidade escolar.

A metodologia optada nesta pesquisa foi a exploratória, do tipo qualitativa, visto que esse tipo de estudo nos permite entender a concepção de todos os envolvidos no processo de escolarização do contexto em estudo. Utilizou-se bibliografias que permeiam a problemática da EJA no Brasil, partindo do seu histórico, as concepções sobre EJA, currículo, mundo do trabalho, economia solidária até as necessidades atuais, além de pesquisa documental e empírica. A partir do estudo das ideias e concepções a cerca do campo de estudos da Educação de Jovens e Adultos, poder-se-á entender a fundamentação da problemática em questão. Por meio da análise dos documentos oficiais, fizeram-se as primeiras investigações. Com esses instrumentos foi verificado a fundamentação legal e a implementação da educação de jovens e adultos da escola, ambiente de nossa pesquisa.

Na pesquisa empírica foi utilizada a entrevista semiestruturada com os professores e alunos. No decorrer de cada conversa se era aproximado cada vez mais daqueles que fazem parte dessa pesquisa, nos relatos de suas decepções, dificuldades, seus sonhos e seus anseios.

Por meio da análise dos documentos oficiais e dos dados coletados nas entrevistas, foi delineado um roteiro de observações, que foram realizadas em quatro salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, do turno da noite, entre os meses de agosto e outubro do ano de 2013. Com esse contato em sala de aula pode-se verificar a metodologia utilizada por cada professor, os recursos didáticos, a relação professor

aluno e os demais aspectos existentes na sala de aula. A partir dos dados coletados, se fez a análise e buscou-se entendê-los por meio do referencial teórico a problemática estudada. Por fim, com as informações coletadas procedemos a sua análise e a interpretação a luz do referencial teórico aqui construído.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1.1 Apresentação dos dados.

4.1.1.4 Entrevista com Docentes

De início, busca-se dos docentes da EJA o motivo que os levaram a escolher serem professores, assim obtiveram relatos das seguintes vertentes: “Escolhi o magistério, porque eu já tinha uma tendência, quando eu era aluno do ensino fundamental, inclusive aqui nessa escola... (VITOR)” e, “Eu escolhi o magistério por ser um sonho de criança, minha mãe é professora e todo mundo na minha casa sonha em ser professor. (MARIA)” alguns professores, assim como profissionais de outras áreas, dizem ter escolhido a profissão por terem uma vocação ou um sonho para atuarem em tal área, assim como foi o caso dos professores Vitor e Maria, que se identificaram com a profissão, e resolveram seguir essa inclinação.

Mas neste mesmo contexto, observam-se pessoas com motivos diferentes para ter escolhido seguir o magistério, como é o caso de Vinícius que seguiu os caminhos que a família já percorria, assim ele contempla em sua resposta dizendo “[...] o magistério, porque em virtude da minha família ser praticamente toda composta por professores” nesta mesma linha de pensamento, segue NORMA, que diz ter escolhido a profissão por influencia de pessoas da família, em especial de sua mãe:

Foi devido a minha mãe, porque antigamente as mulheres só queriam ser professoras né, há 50 anos atrás porque a mulher não saia de uma cidade para outra, e a formação da minha mãe, todas as irmãs, tem curso superior, mesmo sendo naquela época. Foi opção minha mesmo, opção minha, tinha meus pais, tinham sete filhos, mas meu pai não optava não, ele dizia assim que a gente tinha que ter um curso superior, pra ser independente, agora teria que ser bom. Bom profissional.

Foi o caso relatado por Norma, que optou seguir o magistério por conta da influência que sua mãe teve sobre essa decisão, já que a mesma era formada no magistério, e sua família de forma geral incentivavam-a para seguir esse caminho.

Já ao serem perguntados sobre as suas atuações na EJA se acontecem por uma escolha ou imposição do sistema, vê-se que: “A EJA na verdade foi por acaso aí com a mudança de horário aqui na escola, tive que ser obrigado vamos dizer assim entre aspas, obrigado a me encaixar nessas turmas de EJA, mas mesmo assim eu estou gostando (PEDRO)”. Resposta essa que tem uma semelhança visível com a resposta de (ARTUR):

Ser professor da EJA na verdade não foi uma escolha, na verdade foi uma consequência. Com a diminuição de turmas comuns aqui na escola e o aumento gradativo das turmas de EJA, a gente foi obrigado a migrar para as turmas de EJA. Só que eu pensava até no início que iria me desapontar, mas não, estou gostando bastante.

Vê-se assim, que consideráveis parcelas dos professores entrevistados não atuam na EJA por livre e espontânea vontade, como uma escolha, mas por algum motivo como o cumprimento do horário, ou a falta de outra opção.

Apesar de que alguns relatam que ao receberem a indicação de ministrar aula na EJA, ficaram receosos, como foi o caso do Arthur, mas que com o passar do tempo e das aulas, foram se adaptando a esse público e passaram a gostar de estar nessas turmas. Como contempla também Nayara:

Agora, sim. Porque é uma educação especial, é outro tipo de aluno. Eu tive medo, quando eu cheguei aqui eu não sabia nem o que era o EJA, aí fui fazer leituras que são poucas, as informações que nós temos, mas hoje eu não teria a menor restrição para ensinar, em qualquer escola.

Observa-se que alguns professores têm a consciência de que a EJA é uma modalidade da educação, que deve ser trabalhada sob critérios específicos. Sendo assim, alguns poucos professores tomam para si esta especificidade, tornando a educação de jovens e adultos, uma educação de caráter único e diversificado.

Única porque tem especificidades de tempo, contexto, sujeitos e conteúdos, e tem caráter diversificado, porque em sala de aula, deve-se dar atenção as diversas histórias que ali permeiam.

Há uma notável resistência para com a presença numerosa de jovens na Educação de Jovens e Adultos. Isso foi um fato constatado tanto de acordo com o discurso de maioria dos docentes como segue:

(Vinicius) Seria uma oportunidade para aquelas pessoas que deixaram de fazer aquela serie no devido tempo... E não crianças que estão fazendo EJA podendo estar no ensino regular.

(Artur) Então é uma oportunidade boa, eu só acho que voltando a falar da reformulação que tem que haver na EJA, eu acho que tem muita gente jovem com capacidade pra estudar nas turmas regulares, ou seja, tem que ser repensado a questão da idade dos alunos nessas turmas.

(Norma) Já tem uma coisa errada, porque a faixa etária ta errada aí, pra mim se eu fosse um secretario de educação eu só colocaria jovens e adultos, pessoas que realmente não tiveram condições de estudar, ta entendendo?... Quem fez essa lei não sabe de nada, desestruturou o ensino, a partir desse momento acabou com a educação. Esse colégio mesmo era nota 10, era aula até o fim, a gente já fez o EJA porque tava perdendo muitos alunos, porque hoje a juventude, as pessoas não querem nada com a vida não, querem um papel... É uma oportunidade, aproveitem para fazer um concurso, e ser aprovado e não depender de ninguém. É uma chance muito boa, pelo menos de visão de mundo.

(Maria) Digo mais uma vez, deveria ter uma faixa etária pra se entrar no EJA, porque não existe, pode entrar aluno de qualquer idade, acima de 15 anos eles se matriculam, fazem EJA e não aprendem nada, porque eles não querem, não gostam de estudar, vem porque não tem uma avaliação, a avaliação é continuada, vem entra na sala de aula, faz os exercícios, faz tudo o que é necessário fazer e é aprovado. Eu acho que é só um "tapia", é só isso mesmo, só pra dizer que tem um diploma, mas não aprende nada.

Para estes docentes, os jovens que ingressam na EJA, não tem ânsia pela aprendizagem, pois se assim o fosse, não estariam cursando a educação de jovens e adultos. Acreditam que esses alunos jovens ingressam na EJA com o objetivo de adquirirem o certificado de conclusão, como se este fosse o passaporte para o mercado de trabalho, ou para as necessidades que a sociedade impõe.

Sobre a questão a respeito da visão reducionista que é lançada sobre os alunos da EJA e a necessidade de reaproximar as políticas educacionais à realidade dos alunos, se obteve o seguinte depoimento do professor Arthur:

Na verdade eu acredito que a ideia de reducionismo como foi comentado aí, é histórico já no nosso país, a gente sabe que existe uma frase que é bem conhecida e é até histórica, que diz que no nosso país os políticos não querem educar o povo para que lá na frente não possam ser cobrados. Então é interessante acredito que é louvável o fato de termos essas turmas do EJA, porém claro tem que ser feito um estudo mais aprofundado para procurar

melhorar cada vez mais a ideia de EJA, que em termos de material é muito vago, tinha que ser feito um planejamento melhor para essas turmas.

Para este docente, é uma estratégia dos poderes públicos, que seu povo tenha uma visão pouco reflexiva, para assim não terem a capacidade intelectual de exigir seus direitos, tornando-se assim cada vez mais fácil ludibriar a população sem instrução.

Quando se trata diretamente do tema mundo do trabalho e são perguntados como se dá à relação entre sua prática docente e o mundo de trabalho dos seus alunos, algumas respostas nos surpreendem.

(Vinicius) Dentro do possível eu faço essa relação, a gente sabe que a realidade é diferente demais... Eu digo pra eles que química esta em tudo hoje, tudo tem química a alimentação, vestuário, as fabricas... Eu mostro pra eles a importância da química... Sempre relacionando a disciplina com o dia a dia para ajudar no crescimento do próprio aluno.

(Artur) É muito difícil... Porque minha matéria exige conhecimento das exatas e esse aluno vem com uma despreparação principalmente de matemática... Quando chega para nós é muito difícil à gente relacionar o dia a dia de trabalho dele com o colégio.

(Norma) O mundo de trabalho dos alunos é bem relativo porque aqui nós temos uma clientela diversificada... A gente tenta mostrar a importância de aprender um pouquinho, o básico de cada coisa hoje em dia. Com isso eu mostro que o inglês não é interessante apenas para quem vai para os Estados Unidos como alguns deles falam, mas sim para quem vai trabalhar, se algum deles trabalha na área de informática vai precisar, quem trabalha no comércio tem que estar atento a alguns produtos importados que a gente tem muito hoje em dia. Então na medida do possível a gente tenta mostrar esse tipo de associação com o dia a dia do aluno.

(Maria) Esse mundo de trabalho geralmente não é muito comentado na sala, eles chegam, não falam muito da vida, incluindo ali a questão do trabalho, o professor é que procura se aproximar, quando nota que tá dormindo, às vezes tá dormindo na cadeira, o professor vai lá, aí eles comentam, eu trabalhei o dia inteiro. E aí a gente procura trazer um texto mais atrativo, a propaganda que é o texto que ele tá trabalhando, às vezes eu peço pra trazer da empresa, se na empresa tem, traga pra sala pra fazermos uma avaliação. Eu tava trabalhando concordância e pedi pra eles observarem se lá na empresa é proibida a entrada de pessoas estranhas, ambiente restrito, aí até que eles se animam um pouquinho. Mas falar mesmo da relação deles com o trabalho dentro da escola, não existe muito esse diálogo.

As repostas sobre mundo do trabalho foram uma tentativa de acertar a resposta, pois parece que desconhecem sobre a temática como vimos na fala da professora Maria. Eles tentam aplicar suas disciplinas ao cotidiano do aluno, mas não trata o mundo do trabalho como uma construção sistematizada, um currículo aplicável.

Assim de acordo com as revelações dos professores no decorrer das entrevistas, ficou nítida a falta de conhecimento sobre o que é EJA, sua importância, a legislação e a função do professor.

4.1.1.2 Entrevistas com os alunos.

A partir de então, se ouvirá os alunos jovens e adultos, com o intuito de saber deles seus sonhos e anseios diante de seus processos de escolarização, assim como os motivos que os fizeram desistir de estudar em algum momento de suas caminhadas educativas.

Foi perguntado pra eles o que é ser aluno da EJA?

Aleixo: Assim, por que o EJA dá oportunidade de quem trabalha terminar o estudo mais rápido. Ele dá uma oportunidade da gente passar, o conteúdo é resumido, num é aquele conteúdo totalmente cobrado. Num é como o normal?

Bento: Pra mim eu venho só pra sair mesmo, por que aluno do EJA bem dizer num aprende quase nada, por que o que agente aprende durante um ano inteiro, agente aprende menos da metade daquilo que era pra aprender.

Maria: Ser aluna da EJA é bom e num é. É bom pra quem já ta atrasado, quem não tem tempo, que trabalha. A parte ruim é que num aprende quase nada, assim eles dão os assuntos, mais num dá pra dar por ordem, não dá pra dar por conteúdo, o que eles ensinam no normal, a agente é coisa de final de ano.

Paulo: É um aluno basicamente normal. Por que a EJA eles passam muito por cima, quando eles estão explicando, como o professor de matemática mesmo, ele explica muito bem, ai tem a forma fácil e a forma direta, ai ele explica as partes ai dá praticamente a forma direta, e tem pessoas mais velhas assim que num pega.

Os alunos não têm a EJA como uma formação confiável para quem pretende cursar futuramente uma faculdade, ou até para quem não pretende continuar os estudos após terminar o ensino médio. Como se observa nos relatos dos alunos, quando interrogados sobre o que é ser um aluno da EJA há certa concordância entre a posição dos jovens e dos adultos. Veja como eles se colocam a esse respeito.

Aleixo: “O aluno EJA, é... a maioria só quer concluir o terceiro, poder pegar o certificado que concluiu. Mas para quem quer cursar uma faculdade, o ensino EJA num ajuda não.”

Paulo: “Pra mim, hoje o aluno EJA é ter a conclusão do ensino médio, somente... A EJA não dá condições para um futuro, é só como conclusão de curso, só pra garantir o ensino médio e pronto.”.

De acordo com as colocações dos alunos Paulo um jovem de 18 anos de idade, e Aleixo um adulto de 28 anos, as aulas vivenciadas na Educação de Jovens e Adultos não são suficientes para um ingresso posteriormente numa universidade. Acredita que a experiência de cursarem a EJA é apenas voltada a rápida conclusão do ensino médio. Então buscam a EJA com o objetivo de cursarem dois anos em um só, o que acaba voltando a EJA para o ensino supletivo.

De acordo com as determinações da LDB 9.394/96 capítulos 37 e 38, ao explicarem os conteúdos, os professores devem considerar o mundo do trabalho e a vida dos alunos. Foi buscado saber dos alunos se isto era uma realidade vivenciada nas salas de aula da EJA da escola pesquisada. Apenas uma entrevistada, a Zita uma adulta de 39 anos de idade revelou: “Tem professor esforçado que ajuda sim, que nos ajudam e que entendem o lado de dificuldade da gente [...]”. Cinco alunos afirmam que não existe essa associação do conteúdo exibido em sala de aula e seus cotidianos. Como se ver o discurso de Aleixo:

Não, não fazem [...] eu acho isso muito chato... porque a partir do momento que o professor entra em sala de aula pra dar aula, é uma convivência de professor e aluno. No dia-a-dia deveria ser como uma família. Quando o professor entra na sala, já começa a escrever lá. Quando é na hora de sair, sair... É como se o aluno fosse um objeto sem utilidade nenhuma na vida de um professor.

Ou seja, alguns alunos em sua diversidade, sentem a carência de uma maior aproximação entre professor e aluno. Acreditam que esta relação traria benefícios para ambos os lados. Seria uma forma de troca de conhecimentos, assim o professor poderia ter mais acesso as histórias de vida dos alunos, para assim poderem de forma sistemática fazer uma ponte entre o mundo do trabalho, o cotidiano do aluno e os conteúdos. Enquanto o Bento diz:

Não, às vezes o professor fala sobre outros assuntos, mas sobre os nossos trabalhos não. Fala como é difícil arrumar um trabalho, por exemplo. Me sinto normal. Acho que isso é muito individual. O meu trabalho não tem nada haver com meu estudo.

O mesmo afirma que acredita não ser necessário existir uma aproximação entre o mundo de trabalho do aluno e o conteúdo exposto pelo professor em sala de aula. Declaração contrária ao que é designado na LDBN nº 9.394/96 Art. 37 e 38.

Foi observado o grande índice de desistência e rematrícula, então, se buscou saber dos alunos o que os fizeram voltar ao convívio escolar. Obtiveram-se respostas de várias dimensões como, por exemplo: “Voltei por causa da minha mãe. Ela começou a marcar no meu pé aí eu voltei. Ela dizia: Vai embora, se não mais tarde você vai se arrepender (Adriana)”. Maria e Paulo responderam a esta questão com uma notável associação: “Porque eu me arrependi... Porque foi uma coisa que eu fiz sem pensar... quando eu me vi dentro de casa sem fazer nada, e o pior é quando você vê seus colegas lá na frente e você ficando lá atrás (Maria)”. Assim se ver o que o fez o Paulo retornar ao seu processo de escolarização depois de desistir por quatro vezes:

Eu realmente estou acordando agora, e vendo que o estudo é fundamental, e isso foi o que me fez voltar. Vendo os outros com o futuro garantido. Eu vendo meu irmão estudando, minha mãe estudando sempre, pra concurso, só através do estudo, por mais que eu trabalhasse pra mim, sendo concursado ou não, o estudo é o que motivou. Realmente é onde acordei. Realmente o estudo, eu vou precisar dele mais a frente.

Um dos motivos que estão em igualdade de discurso é a volta para a escola relacionada a comparação com o exemplo de outras pessoas, sejam eles família ou colegas, que estão mais avançados em seu grau de estudo.

Alguns alunos dizem buscar na escola o que a sociedade não consegue dar, mas cobra. Como afirma o Geraldo “Busco o ensino, porque o que as empresas buscam é a formação acadêmica, e poucos tem. Quero me incluir no meio dos grandes... A pessoa sem estudo, sem educação num vale nada não, pra sociedade”. Desta maneira muitos jovens e adultos se sentem, ao passar algum tempo longe do convívio escolar.

O mais complexo sobre os obstáculos da evasão e a volta ao convívio escolar é que, quando não se tem o nível de escolarização exigido pelo mercado ou pela sociedade, o cidadão passa por constrangimentos. O Geraldo afirma que “grande” é aquele que tem um nível elevado de estudo, que tem a possibilidade de estar incluído em meio aos mecanismos do mercado e da instabilidade da sociedade.

Ao serem indagados sobre o que gostam de fazer em sala de aula, foi quase unânime respostas direcionadas ao “conversar”. Os alunos dizem gostar de conversar

com os colegas, e também com os professores, quando esses abrem espaços para debates em sala de aula. Contextualiza-se com a resposta de Paulo:

O que eu mais gosto é de conversar com meus colegas, conversar com os professores, conversar. O fundamental é estudar, aprender, e tá sempre recebendo novos conhecimentos. Mas acho assim, que o professor buscar aquele assunto, e interagir de outra maneira, o aluno cresce mais. Porque a pessoa vai escutar o pensamento de outros, a experiência de outros e do professor. Daí a pessoa interagir é muito interessante. Na hora da aula, é sempre sobre o assunto.

Assim, os alunos acham “interessantes” as aulas em que surgem debates, pois destas discussões eles extraem conhecimentos, a partir das experiências vivenciadas por outros, como professores e outros alunos.

Os alunos adultos afirmam cursar a EJA por ter vontade de adquirir novos conhecimentos, e ter uma maior oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, e sem esquecer o conceito que ainda existe sobre a EJA como a corrida atrás do tempo perdido.

4.2 Interpretação dos resultados.

Quando são confrontadas as entrevistas dos docentes com as dos alunos observam-se conflitos de ideias. Muitos alunos ainda veem na Educação de Jovens e Adultos uma solução para vida. Quando se esgotam as possibilidades eles procuram a escola nessa modalidade de ensino pra serem recompensado com uma aceleração de tempo/aula mesmo estando consciente do ensino não significativo quando se pensa em prosseguir nos estudos.

Já para a maioria dos professores a Educação de Jovens e Adultos tomou um sentido de reposição. Isto porque ela ainda não é concebida como determina a LDBN n° 9.394/96 que estabelece como continuação do processo de escolarização, mas sim como era determinado na LDB n° 5.692/71 que imprimia a EJA um caráter supletivo, na busca ao tempo perdido.

São observados na demanda da EJA, jovens, trabalhadores, evadidos que perderam o sonho de ter padrões de vida melhor através da vida escolar. Alunos que saíram do ensino regular pelas constantes desistências e reprovações, proporcionadas

pela precocidade que enfrentam os problemas sociais. Procuraram a EJA como uma alternativa de conclusão do ensino médio para terem a garantia de um subemprego. Entre as causas, de evasão no segmento está a falta de conexão entre as disciplinas e as necessidades reais dos alunos, queixa-se da falta de relação entre a escola e sua vida. Afirma-se que as aulas servem somente para conseguir um diploma. Para esses jovens, as disciplinas não têm relevância para sua vida, mas o certificado garante maiores chances de uma vaga no mercado de trabalho.

Para que se entenda melhor a evasão na EJA se observa na figura abaixo, que é uma mostra das salas de aulas observadas, o alto índice de desistência nesse seguimento.

DEMONSTRATIVO DE MATRÍCULA/EVASÃO POR SÉRIE/ANO 2013.1

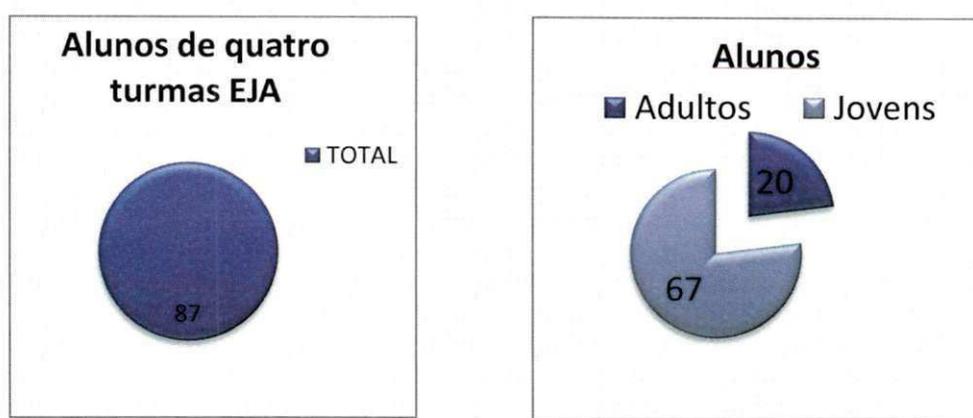
SÉRIE	MATRÍCULA INICIAL	MATRÍCULA FINAL	ALUNOS EVADIDOS
6ª A da EJA	30	10	20
7ª A da EJA	22	12	08
1º Ano A EJA	20	14	06
2º Ano A EJA	17	12	05

Acima se observa quantitativamente o número de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos. A matrícula inicial, a matrícula final e a quantia de evadidos por série. Vê-se a maior taxa de abandono na 6ª serie EJA que por meio das observações ficou constatado a tentativa de retorno aos estudos geralmente os protagonistas são trabalhadores que logo abandonam a vida escolar por não conseguir conciliar trabalho, vida familiar e estudos. Já nas demais turmas constata-se uma taxa menor de evasão, geralmente jovens que por repetência, desinteresse ou trabalho prematuro já estão fora de faixa etária para o ensino regular e se encaixam na EJA com o propósito de “terminar” os estudos rapidamente. Estes evadem menos.

Mas como se viu nas entrevistas os docentes são indignados com a idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio, acreditam que

por os alunos em sua maioria ser jovens poderia estar no ensino regular, mas não demonstram conhecimento teórico para esta modalidade, onde se defende o uso de didática apropriada às características do alunado, às suas condições de vida e trabalho, e incentivando a elaboração e aplicação de projetos especiais que proporcione o alcance dos objetivos desejados.

A figura abaixo vem demonstrar tomando como base as turmas pesquisadas o total de alunos na EJA e quantos dele seriam adultos e quantos seriam jovens.

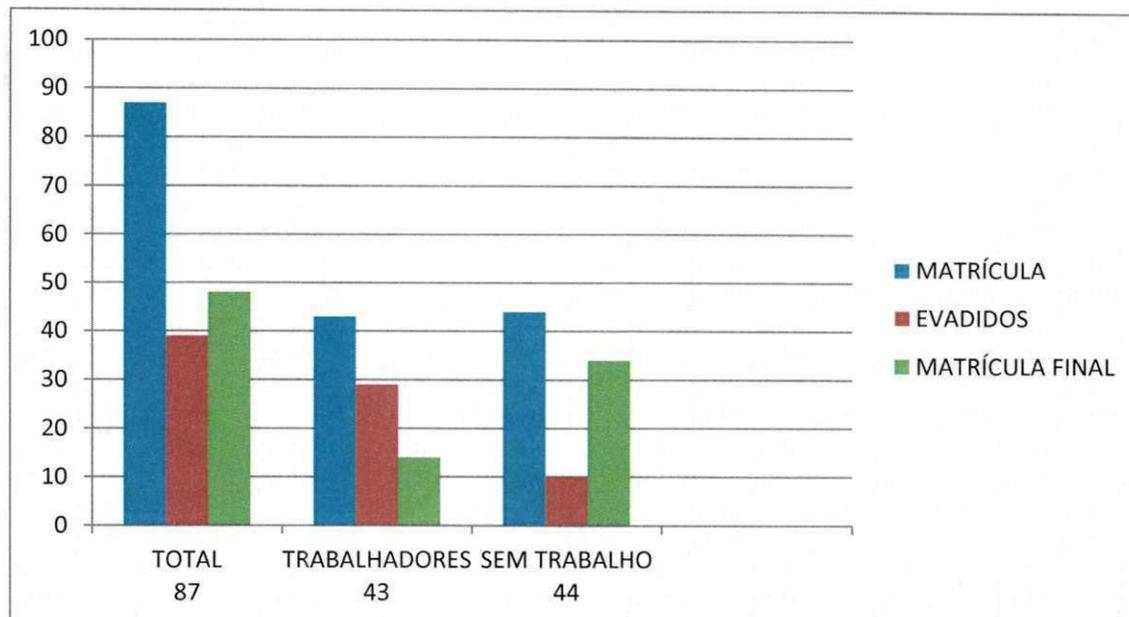


Observa-se a presença maciça de jovens, de um total de 87 alunos apenas 20 são considerados adultos e 67 jovens. De acordo com a análise documental da escola vê-se que a maior parte da evasão ocorre com os jovens trabalhadores.

Para cumprir com suas funções a EJA precisa ser pensada, de modo a contemplar, como afirma o Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, um pedagógico projeto pedagógico com “um modelo próprio”, que assegure na prática pedagógica, na relação professor aluno e no processo de ensino-aprendizagem a inclusão de estratégias de valorização da experiência de vida (social cultural e profissional). Um currículo próprio, que de diretrizes específicas para essa modalidade de ensino. O currículo deve ser elaborado de uma forma que os alunos possam utilizar os conhecimentos adquiridos no seu trabalho, na sua casa, na sua comunidade e de fato na escola, nas situações de aprendizagem.

Na figura abaixo se evidencia o total de evadidos trabalhadores e sem trabalho. Do total de 87 alunos 43 são trabalhadores e 44 não. Dos trabalhadores 29 evadem e

apenas 14 prosseguem nos estudos. Já nos alunos sem trabalho apenas 10 evadem e 34 conseguem continuar estudando.



Talvez as características expostas na figura definam-se pela precocidade de problemas sociais e econômicos que a nova geração é exposta precisando tomar decisões, tendo que fazer a conciliação entre estudo e trabalho, buscando escapes que muitas vezes os tiram de sua trajetória escolar, como se sabe a gravidez na adolescência, a relação trabalho- estudo entre tantos outros.

Os adultos muitas vezes também não conseguem gerenciar o binômio estudo e trabalho, pois são cercados por diversos problemas econômicos e familiares entre outros e se não encontrarem algo na escola que tenha sentido para sua vida prática, acabam evadindo. Eles buscam uma educação significativa que faça a diferença em suas vidas, ajudando-os em seu cotidiano.

Diante disso pode-se pensar que EJA não estar atendendo ao que preconiza a LDB que assegura a esses alunos não só a oportunidade de permanecerem na escola como também sua aprendizagem focada no mundo do trabalho..

Através das entrevistas fica clara a falta de formação continuada dos professores da EJA, para se trabalhar com esta modalidade de ensino, quando se toca em temas específicos desse segmento, como o mundo do trabalho, os professores acreditam ser apenas uma relação da disciplina com o cotidiano do alunado, não

conseguem idealizar a educação formal a prática de uma educação popular voltada para ações concretas.

A capacitação e a formação contínua dos professores tanto em instituições legalizadas, como quando na própria prática docente, podem ser valiosos instrumentos para combater a evasão dos jovens e adultos, principalmente os trabalhadores.

Com estes resultados fica claro o desencontro entre a teoria e prática na EJA. Não se vê na fala desses protagonistas uma relação prática entre trabalho e educação, não existe nenhuma trilha que demonstre estar para acontecer essa interação, menos inda que no que concerne ao conceito de Economia Solidária e de seus valores. Observa-se a necessidade de uma estruturação e implantação curricular na formação inicial de professores, bem como uma adequação da EJA ao seu público que hoje são maioria jovem.

A EJA tem como seu maior mérito, possibilitar para aqueles sujeitos que não tiveram outra possibilidade de vida a não ser a de trabalhar, trabalhar e trabalhar, uma atenuação para violência lhes causada, uma minimização da agressão social ao inserir na vida desses atores o convívio escolar onde aprenderam não apenas conteúdos e sim uma educação para vida.

Reconhecemos que cada um que se dispõe a falar, e tiveram essa oportunidade de se expressar, contribuiu imensamente para o andamento da pesquisa até chegar a uma conclusão com recomendações dirigidas a melhoria da modalidade de ensino.



CONCLUSÃO

Os resultados dessa pesquisa demonstram que o discurso da escola, ainda é o de responsabilizar os alunos por toda sua história de exclusão por muitas vezes não compreender que existem fatores exteriores e muito mais amplos que determinam as tomadas de decisão dos discentes em abandonar a escola e voltar já em idade inapropriada para o ensino regular. Cada aluno tem uma dificuldade em particular e quando chegam à escola depois de um dia cansativo não consegue interagir com a matéria ou tema abordado, não se configura ao dia a dia dos sujeitos, não lhes dão possibilidade de crescimento na vida.

Nessa investigação é vista a quase que total falta de relação entre o mundo do trabalho, EJA, currículo e economia popular solidária na prática. Vê-se uma teoria bem articulada, levando em conta os fatores históricos que contribuíram para a institucionalização da educação popular, analisando o currículo da Educação de Jovens e Adultos, mas que não se aplica a escola, quando se visualiza em lócus a problemática, sente-se a falta de ligações entre a EJA, o mundo do trabalho, seu currículo e os valores da economia popular solidária.

Tal desarticulação está ligada a concepção reinante sobre EJA de recuperação do tempo perdido, também a falta da construção de um currículo articulado com os fatores que desrespeito a EJA, como uma prática que lhes tragam condições de melhorar sua condição de vida social, que se articule em sala de aula com a didática e metodologia do professor, que se contextualize socialmente com o mundo dos alunos.

Com a realização dessa pesquisa se compreendeu melhor as problemáticas que permeiam a EJA, mas também se encontrou na desarticulação teoria/prática elementos didático-pedagógicos, sociais e culturais que ajudarão a traçar caminhos que minimizem a problemática em estudo e, que consolidará uma proposta de ensino para a educação de jovens e adultos voltada para os valores da economia popular solidária, pois assim se pode contribuir para uma mudança qualitativa nesta modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: OLIVEIRA, I; PAIVA, J. (orgs.) Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Educação de jovens e adultos: um campo de direito e de responsabilidade pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Escola coerente a escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997.

BRASIL. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Secretaria Nacional de Economia Solidária, Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), Brasília 2005.

_____. CEE. Resolução n.229/2002. Estabelece a **Universalização da oferta de Exames Supletivos para as redes de Ensino Público e Privado**. João Pessoa-PB, 2002.

_____. Lei n.5.692 de 11 de agosto de 1971. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**. Brasília-DF, 1971.

_____. Lei n.9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB**. Brasília-DF, 1996.

_____. Ministério da Educação e dos Desportos. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, DF, 1998.

_____. Resolução CNE/CEB, n.11 de 2000. Estabelece as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação de Jovens e Adultos**. Brasília-DF, 2000.

_____. **Constituição**, Rio de Janeiro: Senado Federal, 1891.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARRANO, Paulo. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Educação, Rio de Janeiro, n.1, p.12-27, maio. 2007.

DINIZ, Júlio E. P.; FONSECA, M.C.F.R. **Identidade docente e formação de**

educadores de jovens e adultos. Realidade, Porto Alegre, v.26, n.2, p.51-73, jul.- dez. 2001.

FÁVERO, Osmar. **Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos** (1947-1966). Disponível em <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> Acesso em 01 setembro de 2013.

_____. **Lições da história:** os avanços de sessenta anos e as relações com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil. In: OLIVEIRA, I.B.; PAIVA, J. (orgs.) Educação de jovens e adultos, Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, FBES, Secretaria Executiva. **A Trajetória do Movimento da Economia Solidária no Brasil:** do Fórum Social Mundial (FSM) ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Disponível em http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=25&Itemid=18&mode=view Acesso em 10 setembro de 2013.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 42ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IRELAND, D.Timothy, MACHADO, Maria Margarida. IRELAND, Vera Esther J. da Costa. **Economia solidária e educação de jovens e adultos** / Sonia M. Portella Kruppa, organização. –Brasília: Inep, 2005.

JOHNSON, JR. M. **Definições e modelos na teoria do currículo.** In: MESSICK, L. Paixão; L. R. Bastos (orgs.). Currículo: análise e debate. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Economia solidária e educação de jovens e adultos** – Brasília: Inep, 2005.

KURZAWA, Gléce; ANTUNES, H. Sangoi. **O currículo da EJA:** investigando as significações sociais elaboradas pelos professores. In: Quarto Congresso Nacional y Segundo Internacional de Investigación educativa. Comanhue - Argentina, 2007.

LIBÂNEO, J.C. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.



LUDKE, M.; MARLI, E.D.André. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. .

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Loyola, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002. .

SANTOS, G. Lúcia. Quando adultos voltam a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. In: SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RODRIGUES, Estela Fidelis. **EJA e Economia Solidária**: um diálogo entre os princípios da ECOSOL e a prática da Educação Popular. Disponível em <<http://proex.ufabc.edu.br/ejaecosol/eja-e-economia-solidaria-um-dialogo-entre-os-principios-da-ecosol-e-a-pratica-da-educacao-popular/>> Acesso em 15 setembro de 2013.

VIANNA, C.; et al. **O fazer pedagógico no processo de formação continuada de professoras**: autonomia e emancipação. In: OLIVEIRA, I.; PAIVA, J. Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

APÊNDICES

Roteiro de Entrevista com Professores

Identificação

Nome: _____

Idade: () Menos de 30 () 31- 40 () 41 – 50 () Mais de 50

Sexo: () Masculino () Feminino

Regime de Trabalho () T-20 () T- 40 () Dedicção Exclusiva

Escolarização.

Formação Inicial / Ano de Conclusão

Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

Formação Continuada/ Ano de Conclusão

() Especialização () Mestrado () Doutorado

Ano de Conclusão: _____

Experiência Profissional

Tempo de atuação no Magistério: _____

Tempo de atuação na EJA: _____

Participação em Programa de Formação Continuada no exercício do magistério:

Sim ()

Não ()

Qual(is): _____

Ano de Realização: _____

Específico para a Educação de Jovens e Adultos:

Sim ()

Não ()

Qual(is): _____

Ano de realização: _____

1) E você professor(a) como foi a sua escolha para o magistério? e o porquê de ser professora da EJA?

2) Como nos adverte ARROYO a visão reducionista com que, por décadas, foram olhados os alunos da EJA – trajetórias escolares truncadas, incompletas – precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos da vida. As políticas de educação terão de se aproximar do novo equacionamento que se pretende para as políticas da juventude. Então professor (a) vamos conversar sobre essas ideias?

PRIMEIRA: Como você relaciona as questões colocadas acima, ou seja, a visão reducionista sobre os alunos da EJA e a necessidade de reaproximar as políticas educacionais à realidade dos referidos alunos com a prática docente da EJA aqui na escola.

SEGUNDA: Que significa para você educação de jovens e adultos

3) Miguel Arroyo González ao falar sobre a volta de jovens e adultos à escola na EJA, afirma que ao voltar às aulas, à noite, após o trabalho, os alunos não terão recepções como quando crianças. Nem músicas, cantos, rodas, festinhas, histórias, fantasias... O mundo encantado da infância que a escola tão bem reproduz deverá ficar distante. Diante disso vamos refletir sobre duas questões:

PRIMEIRA: Como é ser professor(a) de jovens e adultos

SEGUNDA: Como se dar a relação entre sua prática docente e o mundo de trabalho dos seus alunos.

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista com Alunos

Dados da ficha de matrícula dos alunos/as da EJA

Nome do aluno: _____

Estado civil: () solteiro () casado () divorciado () outros

Quantos irmãos têm? _____

Grau de escolaridade dos irmãos:

() Fundamental completo () Fundamental incompleto

() Ensino médio completo () Ensino médio incompleto

() Superior completo () Superior incompleto

() Analfabeto () Alfabetizado

Trabalha: () Sim () Não

Profissão: _____ Tempo: _____

Rendimento individual: () ½ salário mínimo () 1 salário mínimo

() 2 salários mínimos () 3 salários mínimos

() superior a 3 salários mínimos

Rendimento familiar: () ½ salário mínimo () 1 salário mínimo

() 2 salários mínimos () 3 salários mínimos

() superior a 3 salários mínimos

Quantos anos ficou sem estudar: _____ Quantas vezes desistiu? _____

Nome do pai: _____

Nível de formação: _____

Nome da mãe: _____

Nível de formação: _____

1. Como é ser aluno EJA?

2. Segundo a lei, os professores na explicação dos conteúdos escolares devem considerar o mundo do trabalho e a vida dos alunos. Você pode explicar como eles faziam isso em sala de aula, e como você se sentia. Ou... você pode explicar porque isso não acontecia e como você se sentia em sala de aula?

3. Você já desistiu de estudar em alguma das series escolar? O que fez você ir e voltar tantas vezes ao convívio escolar? O que você busca na escola? O que gosta de fazer em sala de aula?

APÊNDICE C

Roteiro das Observações

ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS

1- O cotidiano:

- Chegada e saída de alunos, professores e corpo diretivo.
- Intervalo;
- Sala dos professores;
- Diversos cartazes e suas mensagens;
- Eventos promovidos;
- Atividade extraclasse;

2- Organização da escola:

- Estrutura física e funcionamento, equipamentos;
- Proposta pedagógica (currículo oficial-oriundo da secretaria, Resolução do CEE/nº229/200, ou adequado a realidade dos alunos em consonância com os Parâmetros Curriculares para EJA, Parecer CNE/CEB nº. 11/2000)
- Organização administrativa (direção, supervisão, etc.)
- Programas de formação continuada (próprios da escola, oriundos da secretaria, convênios com universidades, específico para EJA, período de realização - regular ou esporádico, iniciativa individual/pessoal)

3- A sala de aula

- Espaço físico, organização, arrumação das carteiras, iluminação, ventilação, proximidade com barulho, etc.;
 - Tempo escolar (chegada e saída de professores e alunos duração da chamada, tempo destinado a ministração da aula, aos exercícios escolares, ao desfecho do conteúdo etc.:.)
 - Relação professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno (afetivo, respeitoso, autoritário, indiferente);
 - Metodologia adotada em sala de aula.
 - Conteúdos trabalhados (retirados do livro aleatoriamente ou escolhidos de forma a permitir a relação com o mundo do trabalho e a pratica social dos alunos);
 - Organização dos alunos (se enturmam por faixa etária: jovem com jovem; adulto c/adulto, ou aleatoriamente- jovem com adulto. De acordo com seus interesses; predominância de faixa etária)
 - Planejamento (aulas planejadas ou improvisadas);
- Recursos didáticos (utilizados e de forma adequada, mediam a aprendizagem)